

Saramago como um pretexto...

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Quem o afirmou foi José Saramago perante a Real Academia Sueca e nós soubemo-lo no mesmo dia, e pelo mesmo jornal em cuja primeira página se denunciava que *"perto de um sexto da população mundial chega ao final do século sem ser capaz de ler um livro ou escrever o nome. Nos países em vias de desenvolvimento, 130 milhões de crianças não têm acesso à educação básica. Outras tantas desistem antes de saber ler e contar. Para as educar a todas, o mundo deveria gastar, por ano, sete mil milhões de dólares suplementares - menos do que os Estados Unidos gastam em produtos cosméticos ou a Europa em gelados.*

Se uma voz insuspeita, como a de Saramago, nos diz que a sabedoria não nos é garantida pelo facto de sabermos ler e escrever, então porque é que o título do "Público", um *"Quase mil milhões de analfabetos funcionais"* impresso a vermelho, nos deixou tão incomodados ?

Como é possível reconhecermos a injustiça, a opressão e a indignidade através dos números que o "Público" divulga e, simultaneamente, aceitarmos que um iletrado, Jerónimo de seu nome, aquele que ao pressentir que a morte o vinha buscar se foi despedir das árvores do seu quintal, abraçando-as e chorando, possa ter sido um mestre da vida de alguém que muito justamente recebeu um Nobel da literatura ?

Se não soubéssemos ler quem nos diria que *"o aprendiz pensou: "Estamos cegos" e se sentou "a escrever o "Ensaio sobre a Cegueira" para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira plural tomou o lugar das verdades plurais,*

que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante" ?

Seria necessário aprendermos o ofício de leitores para tomarmos consciência da nossa cegueira? Até que ponto esta cegueira se deve, também, ao modo como esse mesmo ofício nos tem vindo a ser ensinado?

O drama daqueles que não aprenderam, não aprendem, a ler e a escrever só o é, no momento em que o seu iletrismo os impede de assumir uma presença curiosa e activa face ao mundo e àqueles que os rodeiam, uma presença interpeladora e não resignada.

O que é que isto tem a ver com a aprendizagem da leitura? Como é que isto se aprende através da leitura? É possível aprendê-lo através da leitura? É necessário aprendê-lo através da aprendizagem da leitura? Afinal, para que é que serve aprender a ler e a escrever?

Quantos de nós o fazem com fluência e são incapazes de compreender que *"Além da conversa das mulheres são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu"*. Será que todos aqueles que leram, ou que estariam capacitados para ler, estas palavras, retiradas do "Memorial do Convento", as compreenderiam melhor que a avó Josefa Caixinha, também ela analfabeta, pobre e já viúva, mas ainda capaz de olhar o céu estrelado e dizer, provavelmente baixinho: *"O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer"*. Frase que um dia o seu neto José evocará, perante uma assembleia de homens e mulheres cultos na gélida Estocolmo, como um pretexto para acrescentar que *"Não disse medo de morrer, disse pena de morrer, como se a vida de pesado e contínuo trabalho que tinha sido a sua estivesse, naquele momento quase final, a receber a graça de uma suprema e derradeira despedida, a consolação da beleza revelada. Estava sentada à porta de uma casa como não creio que tenha havido alguma outra no mundo porque nela viveu gente capaz de dormir com porcos como se fossem os seus próprios filhos"*.

Afinal, para que é que serve aprender a ler e a escrever ?

Blimunda não necessitava de o fazer, já que os seus olhos conseguiam ver aquilo que se encontra para além do olhar. Para Ricardo, o poeta, para quem um *"sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo"*, de que lhe serviu ter um dia aprendido a lidar habilmente com as palavras?

Talvez tenha sido Raimundo o personagem que mais beneficiou com tal aprendizagem, não só porque comia por conta das palavras mal ortografadas, como, sobretudo, por ter compreendido *"que todas as coisas têm um lado visível e o seu lado invisível e que não saberemos nada delas enquanto não lhes tivermos dado a volta completa"*. Através das palavras, com as palavras e tendo a noção exacta do *"que seria de nós se o deletur que tudo apaga não existisse"*.

Ariana Cosme

Instituto Irene Lisboa/Porto

Rui Trindade

Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação/Universidade do Porto